

## Tilôbe, personagem das estórias tradicionais caboverdianas

Tânia Macedo

**Resumo.** O texto realiza uma breve apresentação do guloso e azarado Tio Lobo, também conhecido por Tilôbe ou Lobo, uma figura extremamente presente nas estórias tradicionais caboverdianas. Busca-se, ao mesmo tempo, traçar um paralelo entre ele e outras personagens pertencentes aos contos da oratura dos países de língua portuguesa (Pedro Malasartes, João Grilo e Cancãosinho), sobretudo sob o aspecto da malandragem.

Manuel Rui, poeta e prosador angolano, em um texto iluminado que se intitula “Entre mim e o nómada—a flor” (1981) chama-nos a atenção, entre outros importantes elementos, para o fato de que as estórias tradicionais africanas, contadas via de regra pelos mais velhos ao pé do fogo, constituem uma semiose a que são convocados todos os sentidos a fim de instaurarem o aprendido e o lúdico. E que, portanto, a sua tradução e/ou leitura (acrescentamos), não se constituem apenas na passagem de uma língua a outra, mas uma “quase morte do que foi oral: a oratura sem griô; sem a árvore sob a qual a estória foi contada; sem a gastronomia que condiciona a estória; sem a fogueira que aquece a estória, o rito, o ritual” (Rui 30).

A análise, portanto, de um texto da chamada oratura a partir de sua tradução escrita, corre o risco de afastar-se efetivamente da beleza e do real sentido da *voz* para agarrar-se à redução da *letra*, como bem aponta Laura Padilha:

Na festa do prazer coletivo da narração oral, entre os grupos iletrados africanos, é pela voz do contador, do *griot*, que se põe a circular a carga simbólica da cultura

autóctone. (...) O contador e seus ouvintes são seres em interação para quem o dito cria a necessária cumplicidade e reitera que é preciso ser, na força da diferença (...) (Padilha 14)

Ao que acrescentamos que em uma situação limite, pode induzir a uma leitura em que, à falta do gestos, dos sons e dos espaços próprios do contar, a interpretação se equivoque. É grande o risco, mas, em presença das deliciosas estórias tradicionais de Cabo Verde presentes sobretudo nas recolhas de Persons (1968) e Romano (1970), conscientemente arriscamos e propomo-nos a realizar a leitura de alguns aspectos da figura de Tilôbe (Ti-Lobo, ou Tio-Lobo).<sup>1</sup>

Vale ressaltar que a personagem Tilôbe está presente em variadas aventuras nas mais importantes recolhas de estórias tradicionais caboverdianas, acompanhado ou não de seu sobrinho, comumente chamado Pedro, apresentando um mesmo perfil, sobre o qual nos deteremos mais vagarosamente, ao mesmo tempo em que o aproximaremos, rapidamente, de outras personagens das estórias do mundo de língua portuguesa.

### Uma figura com muita lábia

As estórias tradicionais protagonizadas por Tio Lobo via de regra iniciam com a situação de carência que, no caso dessa personagem, querem dizer sempre muita fome. E essa é uma de suas características mais evidentes: a insaciedade do Lobo. Veja-se, por exemplo, como Luís Romano (Romano, 1970: 52) nos dá o intróito de uma das estórias daquela personagem:

Era uma vez Tipêde i Tilôbe. Tipêde ta estóde sempre guardin i Tipêde mâgrin f-ete um côbe de linha. Um dia Tilôbe ba ter c' Tipêde i el dez' el:

A tipêde, mode quem que bô t' estóde sempre güidin i mim sempre meiguin, sem foiça pe levanta nem um ingânha de mi?

(Era uma vez Tio-Pedro e Tio-Lobo. Tio-Pedro estava sempre gordinho e Tio-Lobo magrinho feito um cabo de linha. Um dia Tio-Lobo foi ter com Tio-Pedro e disse-lhe:

—Ó Tio-Pedro, por que modo tu estás sempre gordinho e eu sempre magrinho, sem força para levantar um sabugo de espiga de milho?) (Tradução de Romano).

A situação de miséria e fome é, pois, o que define Tio-Lobo, já à partida, em contraste com outras personagens sempre bem alimentadas. cremos que esse dado é importante, pois não se coloca, a princípio, a personagem com

conotações negativas. Ela apenas observa os que têm e, confronta-os com sua extrema carência. E aí fará de tudo para conseguir melhorar sua situação. E será sempre a partir do convencimento, do discurso do qual não se ausentam os juramentos e os mais diversos ardis, que Ti-Lobo entrará na posse de segredos, magias, “jeitinhos” dominados por outros e que lhes garantem a abundância. Sob esse particular, o domínio do discurso para convencer o outro em franquear-lhe segredos que possibilitarão uma melhor situação, lembramo-nos de João Grilo, personagem das estórias tradicionais portuguesas. Vale aqui lembrar que João Grilo, assim como Tio-Lobo (e ao contrário de Pedro Malasartes) é franzino, uma espécie de “filho da fome”:

Porém o Grilo criou-se  
Pequeno, magro e sambudo,  
As pernas tortas e finas,  
A boca grande e beijudo (Proença 468)

Ocorre que Tilôbe, ao contrário do “amarelo” João Grilo, herda apenas uma das vertentes do ciclo de Malasartes,<sup>2</sup> qual seja, o papel de bobo, tonto e estúpido, ansioso por sair-se bem das situações, mas sempre acabando por ser derrotado. Ou seja, se a nossa personagem caboverdiana tem algum parentesco com o João Grilo pequeno e magro, distancia-se dele—e de Pedro Malasartes—no que se refere à astúcia para safar-se das situações de perigo e/ou trabalho, ainda que não possamos definir Ti-Lobo como um trabalhador.

Dentre as falhas que acometem a personagem deve ser indicada a enorme ansiedade, característica importante, já que implica na sua derrota todas as vezes em que consegue alguma situação mais folgada. Veja-se, por exemplo, a estória de número 02 recolhida por Elsie Clews Parsons entre emigrantes caboverdianos nos Estados Unidos da América:

Naquela noite o Lobo não dormiu. À meia-noite bateu à porta de Pedro. Pedro disse: ‘Ó tio Lobo, vá para casa. Ainda é meia-noite. Ninguém sai a estas horas.’ A uma hora o Lobo pôs-se a cantar de galo: ‘Co-co-ricó! Cocoricó!Cocoricó!’ Bateu à porta de Pedro. Pedro levantou-se, Pedro disse-lhe: ‘Ainda é muito cedo. Vá para casa; ainda é muito cedo. É você que canta de galo! Vá para casa!’ (Parsons 53-54).

Ora, apenas a idéia que haveria comida no dia seguinte, torna a noite do Lobo—e de Pedro, que lhe indicara a forma de saciar a fome—um martírio

que se torna pior em razão dos ardis de que lança mão o esfomeado Lobo para tentar que o sobrinho o leve a comer o mais rápido possível. E são as tentativas falhadas da personagem que instauram o riso, dada a ingenuidade de suas artimanhas.

Mas, ao final, ou em razão de sua lábia, ou porque raia o dia, em todas as estórias Tilôbe chega a uma situação de abundância, fartando-se, o que a reiteração do verbo comer, largamente usada nos textos, indica.

Mas se o Lobo é esfomeado e ansioso, será a imprudência o que definitivamente o derrotará, já que o reino da abundância desenhado pelas estórias caboverdianas não é isento de interditos que devem ser observados, sob pena de o equilíbrio ser rompido. E aqui entra não apenas a intemperança de nossa personagem, como também o seu azar, pois parece que tudo conspira para sua perdição. Lembre-se, a respeito, uma das estórias referida por Luis Romano (1970) e por Parsons (1968), sobre como a personagem chega ao céu—atrás de alimento, obviamente—e quer voltar para sua casa na terra, solicitando ao “Nosso Senhor” o auxílio. Tudo vai bem, até que se interpõe em seu caminho mais comida e no dilema colocado entre se alimentar ou seguir as orientações divinas, o estômago ronca mais alto. E o resultado é a perdição.

Pode-se dizer, dessa maneira, que o prazer para o qual se atira com voracidade incrível Tilôbe não reconhece qualquer princípio de realidade, deixando à margem recomendações, tabus e horários, o que levará a personagem à perdição, a qual se manifestará de variadas maneiras, todas elas terríveis (morte por pauladas, por arrebentar-se contra pedras, árvores ou cacos de vidros, entre outras). E os castigos são tão cruéis, que não há como não ler aí um forte caráter pedagógico das estórias, no sentido de as mesmas quererem marcar para os ouvintes/leitores a necessidade de obedecer aos interditos e manter uma parcimônia nos atos.

E, nesse ponto, avançamos uma leitura que ilumina preferencialmente a questão da relação entre a fome, sua saciedade e os castigos infringidos a Tilôbe. Ora, ainda que a personagem cometa deslizos, como por exemplo tentar enganar Jesus Cristo, ela o faz sempre em razão da fome atroz que lhe acomete e/ou da sua gula. Em contrapartida, os castigos que lhe são dados são enormes e, não raro, conforme indicamos acima, redundam na morte da personagem. Sob esse particular, Tilôbe afasta-se tanto de Pedro Malasartes quanto de João Grilo ou de Cancãosinho (para quem, segundo o folheto de cordel de Cícero Laureano, citado por Santos, “Ninguém quer saber do bem,/Honradez não mata a fome,/Morre aquele que não come/O pão seu ou

de alguém.), já que aqueles malandros populares buscam também saciar a fome e ter melhores condições de subsistência, mas ao final de suas aventuras triunfam e têm reconhecido o valor da malandragem.

Por outras palavras, Tio Lobo, ao ser comparado a outras personagens de estórias populares, sobretudo do Brasil, também elas submetidas às mesmas situações de carência, mas que obtêm vantagens, encontra-se submetido a um rígido código de conduta.

Avançamos, aqui, uma hipótese, ligando os traços acima apontados às condições de vida no Arquipélago de Cabo Verde. Segundo entendemos, dadas as difíceis condições de subsistência, em razão das severas secas que assolam o país, a questão da fome, sem dúvida, ficou indelevelmente marcada no imaginário da gente das Ilhas e, portanto, a personagem mais popular de suas histórias tem a defini-la, antes de mais nada, a carência e uma necessidade premente de ultrapassá-la. Dessa forma, a malandragem de Tio Lobo para obter alimento é vista positivamente, pois trata-se, aqui, de fazer valer a malícia e a esperteza para escapar de uma situação limite como a fome.

Se sobreviver é preciso, precaver-se para tempos difíceis que, certamente em razão do clima, virão, é ainda mais necessário. E é aqui que vemos o papel didático que as punições de Tio-Lobo possuem no imaginário, especialmente das crianças. Tratar-se-ia de apontar, de forma veemente, a necessidade não apenas de obedecer aos interditos, mas, sobretudo, de manter a parcimônia, para que o alimento sempre exista e a sobrevivência esteja garantida. Por isso o nosso pobre malandro não é vitorioso e a gula é severamente punida.

É muito provável que nossa leitura da personagem e suas estórias seja passível de outros sentidos ainda e, malandramente, Tilôbe esconda muitos truques e traquejos de linguagem que nos tenham escapado. Mas, assim como nas estórias tradicionais brasileiras, diríamos: “entrou por uma porta, saiu pela outra, quem quiser que conte outra.”

## Notas

<sup>1</sup> Como as estórias consultadas usam indistintamente as três maneiras de nomear a personagem, também as utilizaremos.

<sup>2</sup> Conforme nos alerta Bráulio do Nascimento em “Pedro Malasartes na tradição luso-brasileira” “(...) em Portugal, Pedro Malasartes é um tolo e raramente um velhaco; na Espanha, Pedro Urdemales é tolo e também pícaro; na Itália, Giufá é o tolo e ocasionalmente o trapaceiro. Atravessando o Atlântico, o tipo adquire caráter definido” (Alban 47).

## Obras Citadas

- Nascimento, Bráulio. "Pedro Malasartes na tradição luso-brasileira." Albán, Maria Del Rosário. Org. de *Revista internacional de língua portuguesa* 9 (Julho 1993): 43-56.
- Padilha, Laura Cavalcante. *Entre voz e letra: o lugar da ancestralidade na ficção angolana do século XX*. Niterói: EDUFF, 1995.
- Parsons, Elsie Clews. *Folclore do Arquipélago de Cabo Verde*. (Introd. Fernando Castro Pires de Lima). Lisboa: Agência-geral do Ultramar, 1968.
- Proença, Manoel Cavalcanti. (Seleção, Introdução e Comentários). *Literatura popular em verso: antologia*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1986.
- Romano, Luís. *Cabo Verde — Renascença de uma civilização no Atlântico médio*. 2 ed. Lisboa: Revista Ocidente, 1970.
- Rui, Manuel. "Entre mim e o nómada—a flor." *Teses angolanas*. Luanda: União dos escritores angolanos, 1981. 29-34.
- Santos, Idelette Muzart Fonseca dos. "Pícaros e malandros no cordel: uma galeria de tipos." Albán, Maria Del Rosário. Org. de *Revista internacional de língua portuguesa* 9 (Julho 1993): 121-136.

**Tânia Macedo** é Professora de Literaturas de Língua Portuguesa na UNESP—campus de Assis e Professora Visitante na USP, na Área de Pós-graduação em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa. Publicou, entre outros, "Caminhos da escrita de uma cidade," Milton, H. C. & SPERA, J. M., *Estudos de literatura e lingüística* (Assis: Unesp-Assis Publicações, 2001) 35-56; "Visões do mar na literatura angolana contemporânea," Quataert, A. & Afonso, M. F., org., *La lusophonie-Voies/Voix océaniques* (Bruxelas: Universidade Livre de Bruxelas, 2000) 257-265; "Uma guerra, várias escritas," *Letras*: 23 (Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria, 2001) 115-119. E-mail: taniamacedo@uol.com.br e macedotc@femanet.com.br